



revista de
POLVOREIRA

GUIMARÃES

Dinis do Vale Rodrigues

PRÉMIO GIL VICENTE - Melhor Aluno

passado

presente

futuro

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA

DEZEMBRO 2020

Número: 36





MENSAGEM DE BOAS FESTAS

O Executivo desta Junta de Freguesia, na
pessoas do Presidente, Carlos Oliveira,
deseja a todos os Polvoreirenses, um
Bom Natal e um Feliz 2021, cheio de saúde!

A Junta de Freguesia de Polvoreira decidiu, em boa hora, há dois anos, institucionalizar o dia da freguesia, dia em que recorda o seu passado, prepara o futuro e homenageia o seu presente atribuindo Medalhas de Mérito aos cidadãos que por si ou pelo trabalho de seus familiares, contribuíram para o desenvolvimento social, cultural ou económico da freguesia.

Acresce que para vincar as suas raízes e dá-las a conhecer a todos os seus fregueses - aos que cá nasceram e aos que cá habitam - decidiu o executivo editar a História da Freguesia em dois volumes, o primeiro dos quais, está pronto, aguardando apenas a oportunidade, uma aberta nesta pandemia, para ser apresentado o primeiro, intitulado "Polvoreira Milenar". Dará a conhecer a história do lugar onde nasceu a freguesia, procurará enquadrá-la no seu histórico primordial na Península Ibérica, na Galícia, na Lusitânia, no Condado Portucalense e, mais tarde, no reino de Portugal, até ao reinado de D. Afonso IV ou, mais precisamente, até 30 de abril de 1345, quando, por escritura lavrada em Lisboa, o padroado de Polvoreira, foi doado às freiras de Santa Clara de Vila do Conde.



Durante este período, foi figura relevante da freguesia de S. Pedro de Polvoreira, Gil Martins, o seu filho e filha, Martim Gil e Teresa Gil, e seu neto, igualmente chamado de Martim Gil que, durante mais de um século, de 1196 a 1311, desempenharam os mais altos cargos na corte de quatro reis de Portugal, seguindo sempre os caminhos da lealdade e da retidão, como são unânimes todos os historiadores em referir, ao analisarem o seu percurso histórico.

No seu primeiro volume de "Linhagens", José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, ao abordar a estirpe dos Ribavizela, começa por escrever:

"Os senhores de Riba de Vizela... representam talvez o exemplo mais perfeito de uma "história de sucesso". Não pelas suas origens, bem modestas, até, se comparadas com as das anteriores, mas sim pelo processo de ascensão que protagonizaram a partir dos finais do séc. XII e que os conduziu ao cume da pirâmide nobiliárquica."

Este é, quanto a nós, o retrato mais nítido e mais real de família dos Ribavizela, dentro do que vimos apreendendo, ao tentar colocar, sob a luz do dia, a história medieval da nossa freguesia. Partindo de origens humildes, atingiram o cume.

É essa história de Polvoreira que neste primeiro volume queremos contar. Uma história intimamente ligada àquela nobiliárquica família, no que se reporta ao tempo e ao espaço em que foi vivido - dois séculos da nossa nacionalidade, e o território onde se desenvolveu - e cujo exemplo, de luta, de trabalho, de ambição, sem nunca prescindir da palavra honrada, que ainda hoje nos deve inspirar!



ASSEMBLEIA DE FREGUESIA
19 DEZEMBRO | 11H00

1.º Ano	Mérito	Carolina Faria Alves
1.º Ano	Mérito	Carolina Pereira Carneiro
1.º Ano	Mérito	Gonçalo Ribeiro da Silva
1.º Ano	Mérito	Pedro Afonso Novais Cruz
1.º Ano	Mérito	Santiago André Vieira Gonçalves
1.º Ano	Louvor	Afonso Dinis Oliveira Santos
1.º Ano	Louvor	Guilherme Teixeira Pinto
1.º Ano	Louvor	Yara Abreu Mendes
2.º Ano	Mérito	Ana Carolina Oliveira Leite
2.º Ano	Mérito	Joana Maria Santos Oliveira
2.º Ano	Mérito	João Rafael Fernandes de Carvalho
2.º Ano	Mérito	Mafalda Araújo de Oliveira
2.º Ano	Louvor	Mariana Carvalho Leitão
2.º Ano	Louvor	Mariana Marques Rodrigues
2.º Ano	Louvor	Gonçalo Pereira Mendes
3.º Ano	Mérito	Luis Carvalho da Silva
3.º Ano	Mérito	Simão Carvalho da Silva
3.º Ano	Mérito	Maria Luis Faria Félix
3.º Ano	Mérito	Afonso do Vale Rodrigues
3.º Ano	Mérito	Irene Vitória de Oliveira Fernandes
3.º Ano	Mérito	Lara Duarte dos Santos Silva
3.º Ano	Louvor	Constança Guimarães de Abreu Lopes
3.º Ano	Louvor	Ana Leonor Ribeiro Vasconcelos
3.º Ano	Louvor	Gabriela Almeida Peixoto
4.º Ano	Mérito	Helena José Novais
4.º Ano	Mérito	Maria de Lurdes Fernandes
4.º Ano	Mérito	Tiago Barros
4.º Ano	Mérito	Afonso Carvalho
4.º Ano	Mérito	Maria Beatriz Ribeiro
4.º Ano	Mérito	Carolina Almeida Teixeira
4.º Ano	Mérito	Gonçalo da Costa Ribeiro

Honra ao Mérito

Esta é a lista de alunos da EB1/J.I. Quinta do Vale / Polvoreira, que por proposta da Direcção daquela escola, a Junta distinguiu.

A Dinis do Vale Rodrigues, foi atribuído o Prémio Gil Vicente. Por por isso é capa da nossa Revista

O Posto dos CTT

"A deputada Isabel Filipa Leite usou da palavra para dar os Parabéns à Junta de Freguesia pela excelente aquisição do Posto de CTT na mesma, referindo-se como um grande serviço para a população."



ÍNDICE

Nº 36 DEZEMBRO 2020



04 e 05

Padre Isaac

Macao e Timor
Da teoria à prática



06 e 07

Associativismo

O Natal de Netos e Avós
80 Anos de Escutismo em Polvoreira



08

dos porquês...

A Terra,
a nossa casa...



09

da saúde...

Carina Cunha
A enfermeira que só anseia
despir o fato de astronauta



Tempo de Natal

10 e 11

Escola de Polvoreira

Tempo de Natal, Tempo de Balanço,
Tempo de Recompensa
Crónica de Sara Freitas.



12 e 13

**Da nossa janela...
Cidadania**

Padre Miguel Ângelo Gomes
Joana Pinheiro Gomes



14

Os nossos colaboradores

Nuno A.P.O.E. de Abreu

Crónica de Teresa Gil
Os seus antepassados

Capa: Foto de Dinis do Vale Rodrigues, vencedor do Prémio Gil Vicente.



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Este foi ano extremamente difícil! Mais que difícil foi um ano atípico. Ninguém tinha experiência de como lidar com uma crise pandémica, desta dimensão. Os erros cometidos foram naturalmente muitos. Aqui, na Junta, todas as semanas surgiam problemas diferentes que exigiam respostas prontas sem que para tal existissem paradigmas devidamente testados que pudessem ser seguidos.

Isso não nos impediu, contudo, de procurar prosseguir os caminhos anteriormente traçados, de procurar dar resposta aos problemas diários surgidos, de tentar concretizar os planos previamente elaborados.

Desde logo, o fecho da escola básica da Valinha e a centralização de todos os alunos do ensino básico numa só escola, com condições estruturais para o efeito e com reconhecida poupança de recursos.

Levamos a cabo a celebração do dia da Freguesia e projectamos a elaboração de um livro onde será descrita a sua história de molde a dar a conhecer o nosso passado para melhor prepararmos o nosso futuro.

Contratualizamos a abertura de um Posto dos CTT na Junta facto que a Dr^a Isabel Filipa Leite, muito dignamente, reconheceu ser de toda a utilidade para a freguesia, um grande serviço para a sua população.

Ninguém, neste momento, pode prever como será o próximo ano face à evolução da crise pandémica. Mas uma coisa desde já sabemos: não podemos parar.

Não é por ser o último ano do nosso mandato que devemos cruzar os braços. Que nos devemos limitar a ir de porta em porta oferecer os nossos préstimos, tentando captar votos. Bem pelo contrário! Temos de dentro, das nossas limitações orçamentais, aproveitar as oportunidades que nos surgem e intensificar a actividade das nossas associações culturais e desportivas procurando colaborar na criação de condições estruturais que lhe lhes possibilitem cumprir os objetivos plasmados nos seus estatutos.

Foi nesse sentido que na última assembleia, realizada a 19 de Dezembro último, foi aprovada a aquisição de uma fracção de um prédio, cujo custo se limitou ao pagamento de IMI em atraso, para que a FNA, em regime de comodato, nela possa desenvolver a sua actividade.

Foi também por isso que foi deliberada a aquisição de uma parcela de terreno, aproveitando fundos camarários disponíveis, para que pudesse ser ampliado o Parque Desportivo da Valinha, impedindo assim que o tempo passasse e a oportunidade se perdesse.

Temos consciência que a única coisa que podemos prometer, nestes tempos de pandemia, é precisamente a de continuar a trabalhar, com mais afinco ainda, para tentar debelar as consequências nefastas que ela carrou para o dia o dia de todos os Polvoreirenses.



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costagustreiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



O Padre Isaac parte IX DA TEORIA À PRÁTICA

No final da página cinco da Revista do mês passado, terminávamos escrevendo: Começa aqui uma nova etapa da vida do Padre Isaac.

Efectivamente, assim aconteceu. Até aqui, relatamos os tempos atribulados que o Padre Isaac viveu, desde que insistiu na prossecução do seu grande objectivo de vida: **ser sacerdote**. A entrada no Seminário de Braga, a desilusão de ser declarado sem vocação, o Seminário de Bragança, a viagem até uma terra distante onde, agora, se encontrava, o Seminário de Macau. Sempre a tentar aprender nas diversas áreas do conhecimento a que a missão a que se destinara obrigava.

Agora o Padre Isaac iria entrar numa nova fase da sua vida: iria iniciar-se na aplicação prática dos seus conhecimentos.

Como demos conta, o então Teólogo Isaac, foi chamado pelo reitor que o encarregou de ser monitor dos alunos do ciclo preparatório do Seminário, que englobava os alunos do 1º ao 5º ano. Não sabe bem porque terá sido o escolhido mas pensa, hoje, que o foi, exclusivamente, por ser, então, o aluno português de teologia mais avançado na formação.

No ciclo, estavam inscritos maioritariamente alunos portugueses e timorenses mas existiam alguns alunos chineses. Mas gostou de lembrar o cuidado que havia de, para estes alunos, ser aplicada um metodologia diferente, sobretudo em actos religiosos como, por exemplo, a leitura espiritual e a meditação. O Padre Isaac quis realçar este cuidado da aplicação de metodologias diferenciadas a alunos provenientes de culturas diferente, para salientar a preocupação que considera intrínseca da civilização portuguesa de, antes de impor a sua cultura a outras civilizações, ter a preocupação de se esforçar para nelas se integrar.

Ali, em Macau, falavam-se duas línguas e conviviam todos, cada um com os seus costumes ou copiando os costumes dos outros. Isto, apesar do Padre Isaac ter feito notar, que apenas conseguiu aprender duas ou três frases de chinês, que já esqueceu, dado tratar-se de uma língua com diversas conotações sonoras onde cada som tem um significado diferente.

Mas continuando a epopeia do Padre Isaac!

Naturalmente, que as funções que o jovem teólogo exercia permaneciam sob supervisão de um sacerdote prefeito, o encarregado oficial daqueles mesmos alunos. No entanto, com o assumir daquela responsabilidade, não só obtinha para si, para o futuro exercício do seu múnus sacerdotal, uma experiência fundamental, como permitia ao sacerdote prefeito aliviar a carga que sustinha em seus ombros, deixando-o mais livre para outros trabalhos. E, na verdade, raras vezes passava pelo salão de estudo, pelos recreios ou pelo refeitório, a ver se estava tudo em ordem. Mas sempre que necessário, num caso ou outro mais complicado, teve o apoio pronto, quer do sacerdote, quer do reitor.

De uma maneira geral, os alunos chineses e timorenses não causavam problemas. Os portugueses eram bem mais ariscos, ou porque pretendiam desistir, ou porque, em transição para a adolescência, manifestavam o desejo de afirmação. Todavia, o problema não era muito complicado já que ali, contrariamente ao que acontecia no Seminário de Braga - e que não vira em mais nenhum dos seminários que frequentara - não havia atribuição de notas para os diferentes comportamentos.

Recordou-nos, ainda, com saudade, o Padre Isaac que, durante os últimos tempos que passou em Macau, fundaram, no Seminário, uma revista de publicação mensal, com o título de "Oásis". Contribuiu para ela com um trabalho de fundo que, na altura, procurava dar resposta a uma questão que percorria transversalmente a sociedade académica: a adequação do comunismo à filosofia cristã, à filosofia da Igreja.

O Padre Isaac, estudou Hegel a fundo e os que se serviram da sua filosofia para impor o comunismo, como Marx, Lenine e Mão Tsé Tung, este numa China cujo território era confinante com o de Macau onde vivia. Consultou obras constantes da Biblioteca do Seminário e acabou por publicar o seu trabalho na Revista.

Infelizmente não ficou com nenhum dos exemplares da "Oásis" e hoje não pode lembrar o que escreveu e, sobretudo, confirmar ou infirmar se as ideias que então desenvolveu seriam ainda válidas para si, hoje em dia.

Ao fim de dois anos, já no final do quarto ano de Teologia, o Padre Isaac pediu dispensa das funções de monitor, dispensa essa que foi aceite de imediato pelo reitor.

Outros trabalhos o esperavam _____

IMAGENS DE MACAU



Fachada da Igreja do Seminário de S. José



Interior da Igreja do Seminário de S. José



Rua do Seminário de S. José



Teatro D. Pedro V, ao lado do Seminário de S. José



Interior do Teatro D. Pedro V



O trabalho de preparação do Jovem Isaac para o trabalho em terras de Missão, em Timor estava a chegar ao fim.

Faltavam escasso meses para partir para Dili.

O Cónego Juvenal, encarregou agora o padre Isaac de proferir quatro homilias no refeitório antes de cada jantar. Pensa que se saiu bem na medida em que se «ouviram» os silêncios dos alunos em claro respeito da sua palavra. Mas logo de seguida deu-lhe por missão coordenar um retiro para os alunos do externato. Recorda-se do conselho do reitor do Seminário concomitante à entrega da tarefa:

- "Prepare bem o retiro, mas cuidado, não se ponha nem com filosofias baratas nem com grandes teologias.

O teólogo Isaac, sentiu-se, naturalmente preocupado com a responsabilidade que lhe tinha sido colocada aos ombros. Felizmente teve ajuda do sacerdote prefeito que lhe emprestou um livrinho em espanhol com o título, "Retiro para Niños". Isaac leu-o rapidamente e tentou assimilar o seu conteúdo. Procurou, ainda, integrar nele os conhecimentos que, antes, adquirira quer como seminarista, em Braga, onde participou em vários retiros, quer os que, como catequista, experienciara na sua freguesia preparando jovens paroquianos para a primeira comunhão e para a profissão de fé.

O retiro tinha lugar apenas na parte da manhã e era efectuado em três sessões com intervalos de quinze a vinte minutos. O Padre Isaac, ainda hoje, se sente reconfortado com o trabalho, então, levado a cabo. Recorda-se ainda da pergunta que lhe foi feita, findo o retiro, e que julga em tom de elogio, por um dos professores do externato: - Como conseguiste mantê-los em silêncio durante aquele tempo todo? A preparação teológica e a preparação prática da sua aplicação estava a chegar ao fim. Após os últimos exames de Teologia, partiria o jovem Isaac para Timor.

Por essa altura, passou por Macau o Sr. Arcebispo de Timor, D Jaime Garcia Goulart. Ia a caminho de Roma para uma "Visita ad limina apostolorum", uma visita quinquenal que os bispos diocesanos fazem ao túmulo dos apóstolos Pedro e Paulo e que aproveitam, naturalmente, para reportarem ao Papa a sua actividade apostólica.

Na paragem em Macau, D. Jaime teve oportunidade de falar com o teólogo Isaac, para o informar do que para si tinha planeado como futuro clérigo daquele arcebispado. Logo que chegasse a Timor, iria para uma casa próxima do seminário que estava entregue aos cuidados dos Jesuítas que eram os responsáveis pela sua administração. Assumiria, desde logo, as funções de professor de Português, enquanto recebia aulas de Direito Canónico e se preparava para ser ordenado. Aconselhou-o, ainda, a aprender tétum, língua que seria imprescindível para ele levar a cabo as suas funções de evangelização nas quais se incluíam, obviamente, as de ouvir os timorenses em confissão e proferir homilias onde anunciasse a palavra do Senhor.

Segundo o Padre Isaac, a aprendizagem do tetum foi-lhe relativamente fácil. Na verdade, trata-se de um idioma pobre com pouca ou nenhuma evolução fonética ou semântica, e, conseqüentemente, muito diferente das línguas europeias que estudara, como o francês ou o inglês sem falar já do latim.

Depois desde contacto directo com D. Jaime, que lhe permitiu ter, desde logo, uma visão mais ou menos concreta do que seria a sua vida nos próximos meses, foi ainda o padre Isaac, no âmbito da sua preparação missionária, convidado a participar num retiro em latim, orientado por um pregador polaco excelente comunicador em língua de Cícero que lhe permitiu aprofundar um pouco mais os seus conhecimentos numa língua que então era primordial um sacerdote conhecer bem.

Estava a chegar ao fim a preparação académica do jovem Isaac. Os resultados dos exames finais foram bons, mas não satisfizeram completamente as expectativas do aluno Isaac. Na avaliação final, em todas as disciplinas, a nota foi de dezassete, menos em História Eclesiástica que foi de quinze. Ainda hoje o Padre Isaac recorda, frustrado, aquele exame. Lembra-se de ter titubeado numa pergunta sobre o Cisma do Ocidente, de o professor ter insistido na pergunta, de ele ter continuado a titubear e o professor, fixado naquela questão, incapaz de mudar de tema.

Mas antes de iniciar a história da sua atribulada viagem de Macau para Timor, que nos parece daqui de Portugal duas terras do oriente que estão próximas entre si, mas cuja viagem demorou mais de sete dias, o padre Isaac fez questão de nos referir:



Cristo Rei de Dili

"Quero deixar aqui a minha homenagem ao Cónego Juvenal, o reitor do Seminário de Macau, Enquanto eu lá estive, foi incedível de zelo, de preocupação, de cuidado comigo. Tomou todas as providências para que a viagem para Timor corresse bem. Mandou comprar para mim diversas mudas de roupa interior, umas calças de caqui, duas batinas brancas, uma batina preta de seda que eu só usaria uma vez no ano, na sexta-feira santa, na Diocese. Deu-me uma quantidade de dólar americanos que era a moeda internacionalmente melhor aceite e contratou uma agência de viagens cuja atuação foi extraordinária pois praticamente só me largou quando aterrei em Dili."

Mas disso daremos conta no próximo mês.

António Gomes



rubrica

Associativismo



O Presépio

Os Netos

O Natal

Os Avôs



O Presépio da minha Avó

Todos os anos, pelo Natal, eu ia a Belém. A viagem começava em Dezembro, no princípio das férias. Primeiro pela colheita do musgo, nos recantos mais húmidos do jardim. Cortava-se como um bolo, era bom sentir as grandes fatias despegarem-se da areia, dos muros ou dos troncos das árvores velhas...

O presépio da avó era mais do que um presépio, era uma peregrinação, uma jornada mágica ou, se quiserem, um milagre. Nós estávamos ali e não estávamos ali. De repente era a Judeia, passeávamos nas margens do Tiberíades, andávamos pelo Velho Testamento, João Baptista baptizava nas águas do Jordão e aquele monte, ao longe, podia ser o Sinai ou talvez o último lugar de onde Moisés, sem lá entrar, viu finalmente a terra onde corria o leite e o mel...

A avó ia buscar as figuras ao sótão, eram bonecos de barro comprados nas feiras, alguns mais antigos, de porcelana inglesa, como aquele caçador que a avó colocava à frente dizendo: Este é o pai. Seguia-se a mãe, de vestido comprido, dir-se-ia que ia para o baile, mas não, saía de cima de uma mesinha da sala de visitas e agora estava ao lado do pai, olhando levemente para trás onde, entretanto, a avó já tinha colocado figuras mais toscas, eu, a minha irmã, os primos, alguns amigos, todos a caminho de Belém...

As figuras do presépio iam-se aproximando do local onde seria colocada a cabana com Maria, José e o menino, na noite de Natal!

Cheirava a musgo na sala de jantar. Cheirava a musgo e a lenha molhada que secava em frente do fogão. E os Magos lá vinham, a pé, de burro, de camelo. Traziam o ouro, o incenso, a mirra. Às vezes nós, os mais pequenos, juntávamo-nos e cantávamos: "Os três reis do Oriente / Já chegaram a Belém."

A minha avó dizia:

- Ainda, não! Ainda, não!

Até que chegava o primeiro dos grandes momentos solenes. A avó chamava-nos ao sótão (nós dizíamos forro), abria uma velha arca e desempacotava a cabana. Depois, muito comovida, quase sempre com lágrimas nos olhos, as figuras de Maria e José.

- Não há nada tão antigo nesta casa, já eram dos avós dos meus avós!

Adaptação de um texto de Manuel Alegre





rubrica

associativismo

Neste início de ano em que se comemora a fundação do Escutismo em Polvoreira, a Junta da Freguesia deliberou agraciar antigos escuteiros ou as suas famílias com a Medalha de Mérito da Freguesia. Ao longo deste ano serão agraciados todos aqueles, ou a sua memória que protagonizam aquele importante evento.



Fez ontem 80 anos!



António Pereira de Oliveira
3.º Chefe do Agrupamento

Avelino Marques
1.º Chefe da Alcateia

Família de João Abreu
O Jovem mais novo do Grupo
Tinha apenas sete anos

"O escutismo surgiu em Polvoreira, a 6 de Janeiro de 1941. Nesse dia de Reis, dez escuteiros e dois lobitos fizeram a sua promessa. Pela primeira vez, na igreja Paroquial de Polvoreira um punhado de Jovens, plenos de emoção entoaram o belo cântico: - "Minha promessa atende, meu Deus, Deus meu..." Foi um momento alto na vida paróquia e de forte emoção para aqueles jovens escuteiros"

Estas são as palavras com que o Padre Miguel Ângelo, o irmão mais novo do fundador do Escutismo em Polvoreira, António Gomes, descreve no seu livro, "Agrupamento 200 - Polvoreira", publicado em 2011, a fundação do escutismo na nossa freguesia.

Continua o Padre Miguel Ângelo : "A cerimónia teve como pregador o Padre Horácio, pároco de Ronfe e contou com a presença do Chefe Constantino do Núcleo de Guimarães"

O Grupo de escuteiros de Polvoreira nasce, dezoito anos depois, de o escutismo ter sido implantado em Portugal. Foram seus fundadores, como já nesta revista demos conta, D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo de Braga e o Dr. Avelino Gonçalves que, em Roma, tinham tido os primeiros contactos com o Movimento por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional, onde desfilaram 20000 escutas.

Por coincidência ou talvez não, o Dr. Avelino Gonçalves foi professor de António Gomes que por, essa altura, era aluno de Teologia no Seminário Conciliar de Braga.

Entusiasmado com o Movimento que aliava a actividade física à actividade religiosa e social, António Gomes que ainda nem sequer vira implementado aquele movimento no seu Seminário, tentou concretizá-lo na sua freguesia. Reunindo um grupo de jovens ligados à paróquia e com a ajuda preciosa do pároco da freguesia, Padre Bernardo Dias Machado, levou avante os seus intentos concretizados na celebração da promessa escutista em seis de Janeiro, de 1941. Um ano mais tarde, a Flor de Lis registava o evento. Estava fundado o Grupo 69 do CNE, que durante oito décadas, preparou mais de uma centena de jovens para a vida social seguindo o lema: *Sempre Alerta para Servir*.

A Junta de Polvoreira, reconhecendo os serviços prestados pelo Agrupamento 200, em prol da freguesia tem procurado agradecer-lhe e, em simultâneo, tentar contribuir para que adquira condições para que possa exercer a sua missão nas melhores condições logísticas.

No dia 19 de Dezembro, levou a cabo, em cerimónia reservada, dadas as condições de isolamento social que a pandemia impôs, uma sessão autárquica onde medalhou quatro antigos escuteiros, um dos quais recentemente falecido. Ao longo deste ano, vai intentar novas acções onde a todos os 12 jovens que fizeram a promessa, há oitenta anos, ou às suas famílias, será prestada homenagem pública e apresentado o agradecimento pela contribuição que, com a sua acção deram para a formação moral e cívica de tantos Polvoreirenses.



rubrica

dos porquês

A Terra, a nossa casa...

Uma notícia do Expresso, de Fevereiro deste ano, dava conta que números da Direção-Geral de Energia e Geologia mostram que o país fechou o ano passado com o dobro da energia fotovoltaica que tinha produzido, há cinco anos, e que quase metade da produção nacional está no Alentejo, onde a energia solar já representa 12% de toda a electricidade consumida na região.



A produção de energia solar fotovoltaica, em Portugal, tem crescido de ano para ano, à medida que vão nascendo, de Norte a Sul do país, novas centrais solares de larga escala, na sequência de uma substancial redução no custo dos módulos fotovoltaicos. Os últimos dados da Direção-Geral de Energia e Geologia mostram que o país gerou, no ano passado, 1276 gigawatts hora de energia fotovoltaica, um pouco mais do dobro dos 627 GWh que tinha produzido, em 2014.

Uma notícia, de há dias, que percorreu todos os meios de comunicação social, causando estupefação geral, informava que a realização de uma montaria numa herdade da Azambuja, abatera 540 animais que viviam cercados e não tinham como se defenderem, fugindo. Seguiu-se, depois, uma explicação que a herdade pretendia alterar o seu negócio e em vez de criar animais de caça pretendia instalar na herdade painéis fotovoltaicos para produção de energia. Sendo o objectivo legítimo já não parece, contudo, muito justificável o meio usado para atingir aqueles fins.



Em que consiste, afinal, a energia fotovoltaica? O termo "fotovoltaico" vem da palavra grega, phos, que significa "luz", acrescido de "volt", a unidade de força electromotriz, que, por sua vez, vem do sobrenome do físico italiano Alessandro Volta, que, em 1799, inventou a pilha. A energia solar fotovoltaica é obtida através da captação do calor e da luz solar e, por isso, a quantidade da sua captação será directamente proporcional à área das placas solares preparadas para a captar e à intensidade da radiação. Donde a energia solar ser considerada uma fonte de energia alternativa limpa e sustentável. Durará o tempo, que o Sol durar que, segundo os últimos cálculos científicos, nasceu há 4,5 biliões de anos e despenderá energia... por mais 6,5 biliões.

O processo de captação da energia solar é feito através de placas que são expostas ao calor e à luz solar que, grosseiramente, pode ser entendida como um fluxo contínuo de partículas, os electrões, neutrões e neutrinos, que transportam energia. Essa energia é captada pelas placas solares e convertida em electricidade por meio do efeito fotovoltaico, que ocorre quando partículas de luz solar colidem com os átomos presentes no painel gerando movimento dos electrões e criando a corrente eléctrica que chamamos de energia solar fotovoltaica. Essa energia, em corrente alternada, pode ser convertida em corrente contínua através de um inversor solar, para poder ser utilizada em residências e comércio.

Apesar do crescimento dos últimos anos, a capacidade de produção de energia solar em Portugal é, se comparada com outras fontes renováveis, como a energia hidroelétrica e a eólica, ainda quantitativamente reduzida. Em 2019, Portugal tinha 7111 MW de capacidade hídrica e 5429 MW de eólica. Só estas duas fontes asseguram mais de metade da potência instalada no país. Com menor contributo, as centrais de biomassa tinham no final do ano passado 710 MW.

Segundo anunciou o actual governo, foi elaborado um plano que passa por uma aceleração do investimento em energia solar em Portugal, tirando partido do facto de o reduzido custo da tecnologia viabilizar já investimentos de larga escala sem necessidade de recurso a tarifas subsidiadas, como ocorreu com as centrais solares mais antigas e com grande parte da capacidade eólica existente em Portugal.

No plano estará previsto a promoção de um segundo leilão de energia solar, que licenciará entre 700 e 800 MW de nova capacidade renovável, a somar aos 1400 MW já atribuídos no leilão de julho do ano passado. Nessa licitação, recorde-se, Portugal entrou em cena no mercado mundial ao registar o mais baixo preço de sempre para um contrato de longo prazo de venda de energia fotovoltaica.

Foi, talvez, para poder concorrer a este leilão que a herdade da Azambuja promoveu o abate de todos aqueles animais já que não era viável a convivência pacífica entre um painel solar e um veado. Só que para atingir aqueles fins, legítimos e perfeitamente aceitáveis, não justificam o uso de qualquer meio e o abate festivo e grotesco de 540 animais. _____

Mota Reis



rubrica

da saúde

«Só penso no dia em que não terei de me equipar como um astronauta e poderei revelar, de novo, as minhas emoções e sentimentos pelos nossos residentes»
Carina Cunha



Carina Cunha é uma das enfermeiras que cuida diariamente dos mais de 100 residentes do CliHotel de Guimarães. Nesta curta entrevista revela um pouco das mudanças impostas pela pandemia, bem como o seu estado de espírito, que é extensível a toda a equipa de enfermagem desta residência sénior.

Na qualidade de enfermeiro de Estrutura Residencial para Idosos (ERPI), em que difere a sua missão de um companheiro que trabalhe em contexto hospitalar?



Os cuidados de saúde em contexto hospitalar na atual situação de pandemia prendem-se sobretudo com as questões pandémicas. O enfermeiro de ERPI, neste momento, para além dos cuidados inerentes ao covid 19, não pode deixar de realizar muito outros cuidados específicos de uma população sénior. O facto de os nossos residentes pertencerem a um grupo de risco

elevado para o covid 19, exige reorganização na prestação de cuidados e na atuação das equipas de ERPI, de modo a diminuir a exposição dos nossos utentes ao vírus. Requer um trabalho árduo de procura de conhecimento e formação constante.

Para trabalhar em contexto de ERPI, teve de trabalhar mais as suas competências técnicas ou as humanas?

Considero que as competências humanas em contexto de covid 19 tiveram de ser mais trabalhadas. Embora numa primeira fase tivéssemos de adquirir conhecimentos técnicos sobre atuação em casos covid 19. Atualmente, a componente humana é essencial. Os nossos seniores estão institucionalizados e, infelizmente, o atual contexto não permite saídas ao exterior nem o contato afetivo com os seus familiares. Os enfermeiros não podem ter também o mesmo contacto afetivo pré-pandemia. Tivemos necessidade de recriar estratégias para manter a nossa proximidade com os seniores sem pôr em causa o distanciamento necessário. Uma das nossas principais dificuldades é não poder dar o abraço que o residente precisa.

Qual o impacto do contexto de pandemia no dia-a-dia de trabalho atual? Quais as principais mudanças? Que adaptações exigiu nos métodos e formas de trabalho?

A introdução de equipamentos de proteção individual (EPIs), a reorganização de cuidados e reorientação da instituição foi natural em função do contexto. Mas tudo isso, ao fim de muitos meses, deixa marcas e desgasta. O isolamento, a menor rotatividade, o uso constante de EPIs, a perda de alguns elementos para reforço das equipas hospitalares, as maiores necessidades efetivas dos seniores, enfim, há todo um universo novo que inevitavelmente nos transforma. Mas também nos apercebemos das pessoas extraordinárias à nossa volta.

Em que pensa sempre que começa um novo dia de trabalho?

Só penso no fim da pandemia. No dia em que não terei de me equipar como um astronauta e poderei revelar, de novo, as minhas emoções e sentimentos pelos nossos residentes.

CliHotel de Guimarães



rubrica

a nossa...

Tempo de Natal
Tempo de Balanço
Tempo de Recompensa



ESOC

chegou o i





Ser Professor...

por Sara Freitas
Docente na Escola Secundária
de Fafe



Ensinar é uma missão difícil, mas não impossível, e ser professor, atualmente, exige dedicação e não obrigação. De facto, nem o aspeto financeiro nem a carreira são, definitivamente, as principais motivações de um professor.

Tem de ser um dom, uma vocação. Se há profissões que exigem uma predisposição e entrega totais, esta é, obviamente, uma delas. Há quem a considere a mais importante, uma vez que o professor é o alicerce da construção do conhecimento, fulcral para a formação da personalidade.

Na realidade, um professor pode marcar negativa ou positivamente a vida de uma pessoa, pode ser lembrado para sempre. Quem não se recorda da sua querida professora da escola primária? Todos nós já o sentimos de uma forma ou de outra. O professor é capaz de transformar um aluno indisciplinado num aluno brilhante, desde que consiga cativá-lo e conquistar a sua confiança. É aqui que o dom, a dedicação, a persistência e uma boa dose de paciência são imprescindíveis. O professor tem a educação e a transmissão de conhecimentos no mesmo patamar e são ambas fundamentais para que as aprendizagens realmente se efetuem.

Se a lecionação é um desafio constante, nesta época de pandemia tem sido uma verdadeira aventura. Desde o regresso a um novo "normal", que de normal nada tem, que o dia a dia nas escolas é vivido de uma forma peculiar, única e intensa. Este período tem sido cansativo e esgotante. Sente-se um excessivo desgaste de todos, desde os auxiliares de educação que incansavelmente, percorrem, em todos os intervalos, inúmeras salas desinfetando secretárias, cadeiras, ratos, teclados envolvidos em plásticos, quadros e apagadores; aos alunos que escondidos atrás das máscaras, suspiram pelo único intervalo de dez minutos em que podem sair da sala para respirar e comer, até aos resistentes professores que correm de sala em sala, de bloco em bloco, em apenas cinco minutos.

Como professora nunca imaginei que, ao entrar na sala de aula, logo a seguir à saudação a primeira pergunta seria:

- Já está desinfetada?

Ou então se entro distraída, os alunos gritassem:

- A funcionária ainda não veio!

Antes de começar a aula tenho de ligar a câmara para os alunos que estão em casa, quer seja por terem testado positivo, quer por estarem em isolamento profilático. Estar a lecionar presencial e a distância, em simultâneo, já se tornou habitual, passou a fazer parte deste novo "normal". Já é frequente ouvir-se, durante a aula, uma voz metálica:

- Ó s'tora, não percebi, pode repetir?

Ou então, de vez em quando, ter de perguntar:

- Ó João! Estás a ouvir?; - Ainda estás aí?; - Vou partilhar o documento, já estás a ver?

Na semana passada, na última aula da manhã, aconteceu-me uma das situações mais engraçadas! Quando começo a ouvir o tilintar de loiças, pergunto:

- Ó Manuel, já estás a almoçar?

Ao que o Manuel, muito timidamente, responde:

- Não professora, é a minha mãe a pôr a mesa, pois o comer já está pronto.

Claro que houve gargalhada geral.

Ao longo deste período, tem sido esta a minha realidade, não tem sido fácil, mas a possível. Mia Couto escreveu "Há coisas que se podem fazer pela metade, mas enfrentar o mar pede a nossa confiança inteira" e é assim que devemos encarar o ensino, já que não nos devemos contentar em ser um professor comum.

E porque os alunos também nos marcam, partilho um excerto de um email que uma aluna me enviou em outubro, depois da colocação no ensino superior:

- "Um obrigada por não desistir de mim, e uma recordação de que o impacto de um professor na vida de um aluno nunca é em vão, mesmo que não se figure momentaneamente, a essência não se dissipa (...)"

Presencial ou @ distância acreditem e deem o melhor. Façam a diferença

Sara Freitas





E@D | Princípios Orientadores para o Ensino À Distância nas Escolas

- Mobilizar para a mudança;
- Comunicar em rede;
- Decidir o modelo de E@D;
- Colaborar e articular;
- Metodologias de ensino;
- Selecionar os meios tecnológicos de E@D;
- Cuidar da comunidade escolar;
- Acompanhar e monitorizar.



rubrica

da nossa janela...



A experiência da morte na relação educativa

por
Miguel Ângelo Gomes*

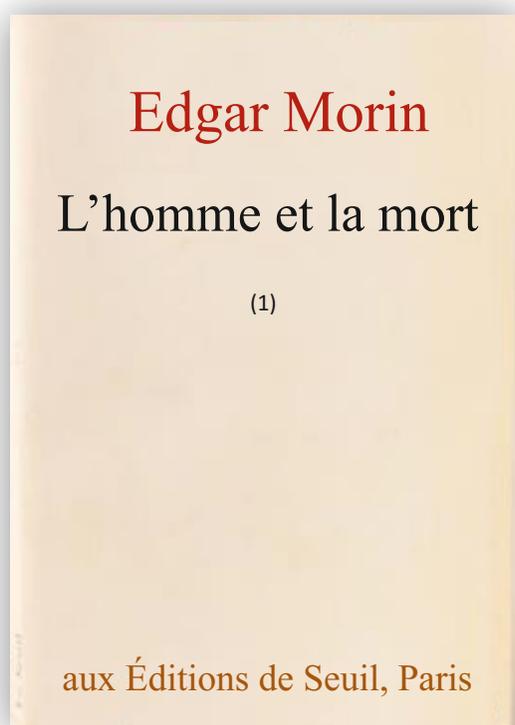
É possível que o título deste artigo possa chocar o leitor. Na realidade, o acto educativo parece ter mais relação com a vida do que com a morte. Não é a vida, nas suas várias dimensões – intelectual, afectiva e espiritual -, que se procura desenvolver no educando? E não é ainda a vida que, em última análise, reverte a favor do próprio educador? “Há mais alegria no dar do que no receber”

Sendo verdadeiras estas considerações e reconhecendo que, por vezes, se descreve em tons poéticos a figura do educador, não é menos verdade que o acto educativo está atravessado por dificuldades, dúvidas e receios, que configuram uma situação de morte. É da assunção destas, “mortes”, por parte do educador, que pode resultar muito da eficácia do acto educativo.

Mas será possível falar da morte? É uma questão pertinente, pois ninguém tem a experiência da morte dos outros. Será útil, por isso, distinguir a morte como fim da vida, da morte que é o fim na vida de uma realidade importante para nós. E esta segunda experiência nós temo-la inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, e de forma diversificada.

É o envelhecimento físico com todas as suas consequências; diminuição das capacidades, fim de uma profissão, perda de influência social, etc. Também ao nível da nossa própria liberdade, temos esta experiência: as escolhas decisivas que fazemos e dão rosto ao nosso futuro, têm sempre, como reverso, outras tantas exclusões, que significam o fim de situações então vividas. O casal, por exemplo, que decide ter mais um filho pode ter que morrer para outras coisas que gostaria de experimentar.

Mas outras mortes se experimentam ainda a nível psicológico: a perda de uma familiar, o fim de uma relação afectiva, de um cargo, etc. São estas mortes parciais que prefiguram a nossa morte como fim de vida e, na medida em que sabiamente as assumimos, preparamos a nossa própria morte. Se devemos excluir uma filosofia de vida ou espiritualidade que aconselhavam o pensamento constante da morte, também não será saudável viver a vida tentando esconder a morte, sem consentir às mortes psicológicas que, de vez em quando, nos visitam.



"A morte não poderá ser domesticada, a não ser lentamente, obstinadamente, progressivamente. (...) Devemos rejeitar todas as (concepções) morais a respeito da morte que implicam um divórcio constante entre a vida do homem e a sua morte, seja porque se esforçam em dissolver a morte através de uma moral optimista da vida, seja porque chegam a envenenar a vida, por querer regulá-la em função da morte». (1)

São várias as situações de morte que todo o educador é convidado a viver, sob pena de falhar o acto educativo. A primeira é sem dúvida a dissolução (morte) da própria relação educativa. E educação consiste no desenvolvimento das capacidades do educando, para que este atinja a sua autonomia. Ora a autonomia, como o próprio nome indica, significa que o jovem vai dispensar o educador. Ele deixa de ser necessário e importante para ele. A relação educativa, sabemos-lo, é tanto melhor quanto mais apressa a sua própria dissolução. O educador, seja pai, professor ou educador da fé, é aquele que cava a sua própria sepultura ou, para utilizar outra imagem, serra o ramo da árvore em que está sentado. Como vive ele, no seu psiquismo profundo, esta "ameaça de morte" ?

* Introdução ao artigo publicado com o título supra na revista DIDASKALIA. Volume XXV, fase 1 e 2 (1995)

(1) - Morin Edgar, L'homme et la mort, Edição Editions de Seuil, Paris 1970. Pag.: 353, 354



rubrica

cidadania

Joana Pinheiro Gomes

Uma Polvoreirense
digna de registo!



A 14 De Dezembro de 2020, morreu Joana Pinheiro Gomes, em Leiria. A 15 de Dezembro, depois da missa de corpo presente, foi a sepultar no jazigo da família, no cemitério de Polvoreira.

Nasceu em Polvoreira, no distante ano de 1928, e fez questão de ser sepultada na freguesia onde havia nascido, noventa e dois anos depois.

Um vida quase secular, dedicada a Deus, aos filhos de Deus e, com especial carinho, aos filhos dos seus.

É, talvez, uma Polvoreirense que poucos conhecem mas que bem merece ser conhecida. O pai, um pequeno industrial em Covas, logo que pode matriculou-a no Colégio de Nossa Senhora da Conceição e, a partir daí, ficou apaixonada pelo ensino e pela vida religiosa. Percorreu Portugal de lés a lês. De Caminha a Faro, do Porto a Vila Real, sem esquecer Leiria, Coimbra ou Lisboa.

Mas façamos aqui uma pequena resenha histórica do seu percurso de vida.

Joana Pinheiro Gomes, nasceu em Polvoreira, a 8 de Abril do referido ano de 1928, filha de Bento Gomes e de Rosa Pinheiro, e, naquela paróquia receberia o baptismo, uma semana depois.

Em 1951, conclui o curso geral dos liceus, no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Guimarães, e, meses depois, ingressava na Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitalares da Imaculada Conceição.

Recebeu o hábito de religiosa, em 29 de Março de 1952, na Casa de Saúde da Boavista, partindo de seguida para Caminha, para o Colégio de Santo António, onde continuou o seu noviciado. No início do ano lectivo, de 1953, é colocada no Colégio Moderno de S. José, em Vila Real, onde, depois de ter feito o estágio, se inicia nas actividades escolares.

Em 7 de Outubro, de 1954, emitiu os votos temporários, na casa de Saúde da Boavista, e, nesse ano lectivo, é colocada no Colégio de Nossa Senhora da Bonança, em Vila Nova de Gaia, onde desenvolve o seu trabalho como professora, educadora. Assume também aí funções como delegada da JECF, a Juventude Estudantil Católica Feminina.

Em Setembro de 1964, é nomeada superiora do Colégio de N.ª S.ª do Alto, em Faro, onde permanece, até Janeiro, de 1970.

Parte para Leiria, no início de 1970, para exercer o cargo de superiora do Colégio da Cruz da Areia, mas decorridos alguns meses transita para Coimbra, onde dirige o Lar Universitário, da Rua da Matemática, em Coimbra, por nove anos.

Paralelamente, integra o Grupo Promotor Nacional do Movimento por um Mundo Melhor, durante uma década, de 1972 a 1982.

Ainda regressa, talvez para matar saudades, ao Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Guimarães, antes de assumir o cargo, em Outubro de 1980, de Superiora do Colégio Moderno de S. José de Vila Real, o colégio, onde, décadas antes, se tinha iniciado como professora.

Em Abril de 1985, foi eleita Conselheira Provincial, múnus que desempenhou, durante dois anos, altura em que foi confrontada com um novo desafio. As ilhas mais ocidentais da Europa reclamavam pelos seus serviços. E lá parte, Joana Pinheiro Gomes, para os Açores para ocupar o cargo de 1ª Provincial, passando a residir na Casa de S. Francisco, em Angra do Heroísmo.

Em Agosto de 1989, é eleita para o Governo Geral da Congregação, que tinha a sede em Linda-a -Pastora, cargo que desempenha até ao verão de 1995, quando é, então, nomeada superiora da Comunidade Nossa Senhora do Amparo, funções que cessam, em Dezembro de 2007.

Entretanto, mantendo um notável dinamismo, acumula, desde Agosto de 1990, o lugar de presidente da Obra Social Madre Maria Clara, com sede naquela freguesia do concelho de Oeiras.

É devido ao reconhecimento por todo este trabalho em prol do concelho, que a Câmara Municipal de Oeiras decidiu, em 7 de Junho de 1996, agraciá-la com a Medalha de Mérito Municipal.

Uma Polvoreirense que deixou marcas pelo locais que calcorreou neste mundo, ao serviço dos outros, fazendo-os sentir verdadeiramente filhos de Deus!



Colégio N.ª S.ª da Conceição - Guimarães



Colégio S. José - Vila Real



Colégio N.ª S.ª da Bonança - Gaia



Lar Universitário - Coimbra



Colégio do Alto - Faro



Obra Social Madre Maria Clara - Oeiras



rubrica

os nossos colaboradores



Diário de Teresa Gil

Capítulo IX

A Tia Estevainha do Padroado de Polvoreira

Tenho vindo a procurar conhecer melhor os meus antepassados. Da última vez recuei até Ramiro II, aos tempos do início do Condado.

Hoje foi descrever o que consegui apurar junto do meu querido irmão Martim Gil, sobre quem foi, afinal, o meu tio bisavô Martim Fernandes de Ribavizela, a quem o nosso rei Afonso II entregou o seu filho Sancho, o irmão colação de meu pai, para criar.

Nasceu cerca de 1160, e muito novo se tornou um dos mais importantes cavaleiros do Reino, atingindo, primeiro, o cargo de Alferes-mor, no ano de 1203, cargo que ocupou até 1211, quando foi nomeado Mordomo-mor por Afonso II, logo que este foi coroado rei de Portugal. Foi Mordomo-mor até à sua morte, em 1212.

Casou com uma senhora chamada Estevainha Soares da Silva, um nome igual ao da minha avó - Estevainha - que era da casa de Lanhoso, casa de onde era também originária, a sua avó, Usco de Godins e seu cunhado, o futuro arcebispo de Braga, Estevão Soares da Silva, que era um simples mestre-escola do Cabido, quando ela casou.

Segundo um livro de linhagens que o meu irmão pediu ao meu sobrinho, que também se chama Martim Gil, para escrever, a minha tia bisavó Estevainha, tal como o Estevão que, quando arcebispo, excomungou o nosso querido Sancho, eram filhos de Soeiro Pires da Silva, "O Torto", e de Froile Viegas de Lanhoso, esta filha de D. Egas Fafes de Lanhoso, um cavaleiro que tinha combatido lado a lado com Afonso Henriques, na batalha de Ourique, a 25 de Julho de 1139.

Assim, Godinho Fafes de Lanhoso, "O Velho", era avô do meu tio bisavô, Martim Fernandes, e Egas Fafes era avô de Estevainha Soares da Silva. Descobri com isso que eles eram primos, ambos bisnetos de Fáfila Lucides, o famoso cavaleiro de D Henrique, muito provavelmente descendente de Lucídio Vimaranes, o filho de Vimara Peres, como anotei aqui, há dias.

A minha tia-bisavó, Estevainha Soares, teve cinco filhos, quatro raparigas e um rapaz que se chamava Durão Martins de Ribavizela, e que era mesmo um durão, segundo o meu honrado irmão, que não gostava de falar muito dele, pois parece que cometeu, em vida, algumas maldades, num padroado pertinho daquele onde meu pai nasceu que, recordo, foi em S. Pedro de Polvoreira.

A mais velha, a minha prima Sancha Martins, foi casada com Martim Fernandes Pimentel. Só sei que foi cavaleiro do Reino, e Tenente em Oliveira de Azeméis. Uma outra prima chamada, Mor Martins de Ribavizela, casou-se com Ponço Afonso de Baião.

Mas antes, segundo o meu irmão me disse, pedindo-me segredo, parece que viveu maritalmente com Afonso II. Mas disse-me ele, também, que depois de enviivar, essa minha prima, foi, durante mais de vinte anos, abadessa do Mosteiro de Arouca, logo após ter morrido a irmã do Rei Afonso II, a quem chamavam Rainha Mafalda.



Lanhoso - "subtus monte spino castro Laginoso"

E que foi uma grande abadessa pois, com muito trabalho e muita dedicação, conseguiu que para lá fossem muitas filhas de muitos nobres e, com isso, muitas doações que fizeram daquele convento um dos mais ricos de Portugal.

Uma das filhas mais novas da minha tia bisavó, tinha um filho da idade de meu adorado pai e de Sancho e parece que foi quem ajudou a mãe a criá-los. Dizia-se mesmo que foi ela a verdadeira nutritora do futuro Sancho II. O meu irmão e meu protector, Martim Gil, diz que nunca ouviu isso da boca do seu honrado pai. Só sabe que falava dela com muita ternura.

Chamava-se Teresa Martins e foi casada com Martim Pires da Maia que era neto de Egas Moniz e por isso já com experiência de criar filhos de reis. Segundo o meu irmão o marido morreu novo e foi ela quem ficou a administrar todos os bens da família que eram muitos. Li mesmo um documento onde ela cedia, em 1241, ainda eu não era nascida, o padroado da Igreja de Santa Cruz de Riba Leça, à Sé do Porto.

A filha mais nova do meu tio-bisavó, Martim Fernandes de Ribavizela, era Elvira Martins e foi casada com Pero Mendes, senhor da Quinta de Gandarei, filho de Mem Moniz que ficou muito falado por, durante a conquista de Santarém aos mouros, ter, a golpes de machado, derrubado a porta das muralhas da cidade de Santarém, quando o nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques, a tomou, a 10 de Março de 1147.

A minha tia bisavó Estevainha vivia com a minha avó no Casal de Vila Meã, onde nasceu o meu pai, no Padroado de Polvoreira de que era o seu Senhor. Ficou viúva cedo, teria Sancho cerca de dois anos. Segundo o meu irmão o "pobre" Sancho era muito doente. Por isso, para que rezassem pela sua saúde, a minha tia-bisavó, doou, em Janeiro de 1213, uma herdade ao mosteiro de Tarouca.



Ali, mandou ao tabelião escrever que faz aquela doação "pro incolumitate infantis domni Sancii alumpni mei" e que o meu informado irmão traduziu do latim e que quer dizer:

"pela salvação do Infante D. Sancho, meu pupilo".

Mas por hoje, basta. Ao recordar tudo isto fico emocionada, muito cansada e agora só quero dormir. _____



info

paróquia

"A cultura do cuidado como percurso de paz"

"O ano de 2020 ficou marcado pela grande crise sanitária da Covid-19, que se transformou num fenómeno plurissectorial e global, agravando fortemente outras crises inter-relacionadas como a climática, alimentar, económica e migratória, e provocando grandes sofrimentos e incómodos.

Penso, em primeiro lugar, naqueles que perderam um familiar ou uma pessoa querida, mas também em quem ficou sem trabalho. Lembro de modo especial os médicos, enfermeiras e enfermeiros, farmacêuticos, investigadores, voluntários, capelães e funcionários dos hospitais e centros de saúde, que se prodigalizaram - e continuam a fazê-lo - com grande fadiga e sacrifício, a ponto de alguns deles morrerem quando procuravam estar perto dos doentes a fim de aliviar os seus sofrimentos ou salvar-lhes a vida.

Ao mesmo tempo que presto homenagem a estas pessoas, renovo o apelo aos responsáveis políticos e ao sector privado para que tomem as medidas adequadas a garantir o acesso às vacinas contra a Covid-19 e às tecnologias essenciais necessárias para dar assistência aos doentes e a todos aqueles que são mais pobres e mais frágeis.

É doloroso constatar que, ao lado de numerosos testemunhos de caridade e solidariedade, infelizmente ganham novo impulso várias formas de nacionalismo, racismo, xenofobia e também guerras e conflitos que semeiam morte e destruição.

Estes e outros acontecimentos, que marcaram o caminho da humanidade no ano de 2020, ensinam-nos a importância de cuidarmos uns dos outros e da criação a fim de se construir uma sociedade alicerçada em relações de fraternidade. Por isso, escolhi como tema desta mensagem «a cultura do cuidado como percurso de paz»; a cultura do cuidado para erradicar a cultura da indiferença, do descarte e do conflito, que hoje muitas vezes parece prevalecer”...

«O conceito de pessoa, que surgiu e amadureceu no cristianismo, ajuda a promover um desenvolvimento plenamente humano. Porque a pessoa exige sempre a relação e não o individualismo, afirma a inclusão e não a exclusão, a dignidade singular, inviolável e não a exploração». Toda a pessoa humana é fim em si mesma, e nunca um mero instrumento a ser avaliado apenas pela sua utilidade: foi criada para viver em conjunto na família, na comunidade, na sociedade, onde todos os membros são iguais em dignidade. E desta dignidade derivam os direitos humanos, bem como os deveres, que recordam, por exemplo, a responsabilidade de acolher e socorrer os pobres, os doentes, os marginalizados, o nosso «próximo, vizinho ou distante no espaço e no tempo»...

“A solidariedade exprime o amor pelo outro de maneira concreta, não como um sentimento vago, mas como «a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos». A solidariedade ajuda-nos a ver o outro – quer como pessoa quer, em sentido lato, como povo ou nação – não como um dado estatístico, nem como meio a usar e depois descartar quando já não for útil, mas como nosso próximo, companheiro de viagem, chamado a participar, como nós, no banquete da vida, para o qual todos somos igualmente convidados por Deus”...

“Colaborem, todos juntos, a fim de avançar para um novo horizonte de amor e paz, de fraternidade e solidariedade, de apoio mútuo e acolhimento recíproco. Não cedamos à tentação de nos desinteressarmos dos outros, especialmente dos mais frágeis, não nos habituemos a desviar o olhar, mas empenhemo-nos cada dia concretamente por «formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros». _____ Extratos da mensagem para o **Dia Mundial da Paz 2021**, do Papa Francisco.



JANELA DA SAUDADE



FALECEU

Irmã Joana Pinheiro
Gomes

Convento de Santa Clara
Lizria



FALECEU

D. Maria Amélia Lopes

Rua Com. Te. João de Paiva, 4268
Polvoreira, Guimarães



FALECEU

D. Maria Aliege Alves
da Silva

Conde, Guimarães



Memorial



AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



253 523 580
253 524 057

966 037 910
966 618 931

funerariasapetro@sapo.pt



CAFÉ RIO
RESTAURANTE



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



Est. 1960
FRANCISCO TEIXEIRA
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
931 604 572

COMPRO E VENDE
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242



RESTAURANTE
TREVO
GUIMARÃES




Rua Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães
253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Snr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães 962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães
253 523 136

Café Areal




Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães
253 522 444

paulocar



Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães
932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt

TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!

SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães

